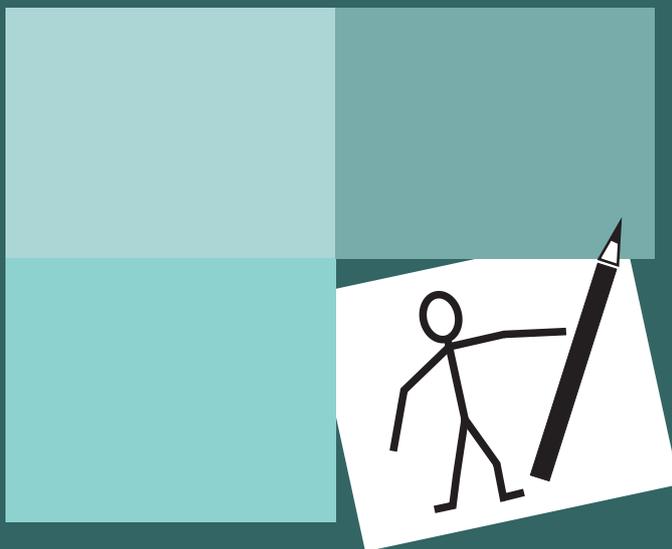


# AOS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS

**Crônicas de Educadores  
sobre o fechamento  
das escolas em 2020**



**COORDENAÇÃO**  
Mércia Falcini

**AUTORES**

Andréa Patapoff Dal Coletto  
Anita Lilian Zuppo Abed  
Antonio Carlos Valini Vacilotto  
Cesar Nunes  
Isabel Parolim  
Luciana Maria Caetano

Salto SP 2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A638 Aos que virão depois de nós [recurso eletrônico] : crônicas de educadores sobre o fechamento das escolas em 2020 / Andréa Patapoff Dal Coeto... [et al.]; coordenadora Mércia Falcini. – Salto, SP: FoxTablet, 2020.  
34 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

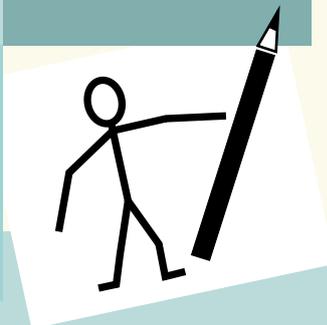
ISBN 978-65-89010-05-0

1. Educação. 2. Escolas – Planejamento. 3. Pandemia. I. Coeto, Andréa Patapoff Dal. II. Abed, Anita Lilian Zuppo. III. Vacilotto, Antonio Carlos Valini. IV. Nunes, Cesar. V. Parolim, Isabel. VI. Caetano, Luciana Maria. VII. Falcini, Mércia.

CDD 371.72

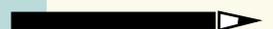
**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Projeto contemplado com recursos federais  
da LEI ALDIR BLANC Nº 14.017/2020**



**REVISÃO  
Kynja Lee**

**DIAGRAMAÇÃO  
ILUSTRAÇÃO  
Alba Milioni**





# SUMÁRIO



## **PREFÁCIO**

**Mércia Falcini**

**Página 4**

## **HAVIA UM TEMPO, QUE AINDA ME LEMBRO...**

**Andréa Patapoff Dal Coletto**

**Página 7**

## **PANDEMIA: VIVENDO E APRENDENDO A VIVER...**

**Anita Lilian Zuppo Abed**

**Página 11**

## **PASSOS E DESCOMPASSOS DA EDUCAÇÃO**

**Antonio Carlos Valini Vacilotto**

**Página 15**

## **DECIFRA-ME OU EU TE DEVORAREI**

**Cesar Nunes**

**Página 20**

## **AOS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS - O FUTURO CHEGOU ATROPELANDO TUDO**

**Isabel Parolin**

**Página 24**

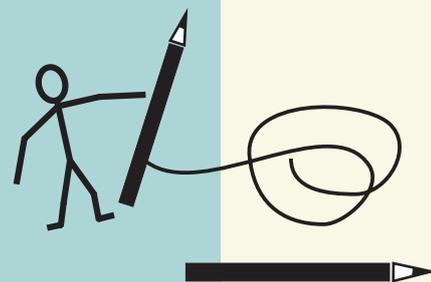
## **NÃO FIZEMOS A LIÇÃO**

**Luciana Maria Caetano**

**Página 29**

## **APRESENTAÇÃO QUEM SOMOS**

**Páginas 32/33**



# Aos educadores deste País:

que souberam aceitar o desafio imposto pela pandemia, no ano letivo de 2020, sem perder a esperança, a ternura, o sonho e a doçura.

## PREFÁCIO

Mércia Falcini

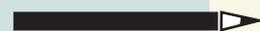
A pandemia da Covid-19 trouxe imensos desafios para todos os setores, no Brasil e no mundo. Na tentativa de reduzir a ampla disseminação do novo coronavírus, medidas de distanciamento social foram adotadas pelos países, impactando a vida de todos nós.

“O dia a dia com o qual estávamos habituados desmoronou, como uma parede de papel diante do tsunami provocado por um ser minúsculo, microscópico, um inimigo invisível e tão perigoso”, como descreve Abed, nesta obra.

Na Educação brasileira, tais medidas determinaram o fechamento de escolas públicas e privadas, com interrupção de aulas presenciais e implantação do ensino a distância, no decorrer do ano de 2020.

E é sobre essa história que os autores deste livro se reuniram para contar. Uma história repleta de emoções e sentimentos, que começou logo no mês de março, quando tínhamos recém-iniciado o ano letivo em nossas escolas. Uma história que registra “a lição que a Covid-19 ensinou: a complexidade traduzida na mais simples lição do valor maior da vida”, como reflete Luciana Caetano.

No começo, até que nos pareceu interessante vivenciar dias de férias antecipadas; feriados prolongados e muitos dias preguiçosos. Mas, com o passar dos dias, como diz Isabel Parolim, nesta publicação, “as cidades vazias, todos em casa, afastados de seus afetos, correndo o risco de contaminar-se pelo vírus da Covid-19” foi tomando nossas emoções e angústias; e revelando o desafio a vencer.



**Não foram dias fáceis. Nas páginas a seguir, em seu texto, Valini diz que “a pandemia nos atropelou, nos fez viver um misto de sensações, incompreensões e nos fez compreender, de uma vez por todas, que o mundo é mais complexo e volátil do que nós poderíamos imaginar.”**

**É verdade!**

**O longo período de distanciamento dos colegas; as dificuldades com os recursos tecnológicos; a falta de acesso à internet; a inexistência de ambientes dentro de casa, favoráveis para os estudos; entre outras adversidades, foram nos tocando de muitas maneiras. E como instiga Cesar Nunes, nos fez pensar: “como decifrar uma pandemia, como entender suas causas e sua dinâmica, de onde veio, para onde vai? — se é que há esses hiatos de idas e de vindas que sempre buscamos admitir nos acontecimentos dessa natureza. Foram dias e dias de estupefação e dores”.**

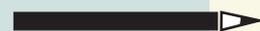
**Ainda assim, como diz Patapoff em sua crônica, “temos o desafio a dar respostas pedagógicas frente a esse cenário que tem nos ensinado a valorizar cada vez mais a importância do ser humano em todas as suas dimensões e a reconhecer a escola como um lugar de ‘encontros’.”**

**Um lugar onde a presença é “sine qua non”: olhos nos olhos, abraço apertado, risada alta e rodinhas de conversa. Nunca a escola foi tão desejada pelos alunos de todas as idades; e tudo o que sempre foi objeto de reclamação passou a ser objeto de desejo: horário rígido, rotina de aulas — até mesmo das mais cansativas —, uniforme, tarefa, trabalho, prova, nota... É!, parece que a pandemia nos fez mudar de lugar e enxergar sob outro ponto de vista.**

**E desse lugar que agora os olhos podem enxergar também, aprendemos a lidar com as nossas emoções. Aceitamos e acolhemos a tristeza, como versa o poema de Zack Magiezi:**

**Triste é não escutar a tristeza.**

**Existem lições que só ela pode ensinar.**



**Triste é escolher ignorar a sabedoria.**

**Triste é falsificar a felicidade.**

**É entristecer a felicidade.**

**Triste é não reconhecer o outono e o inverno das coisas.**

**Por isso escolha ouvir.**

**Sente nas folhas douradas que estão no chão.**

**Aprenda as lições que estão na voz silenciosa de um momento triste.**

**Ali também há sabedoria.**

**E, quando essas lições são aprendidas, há paz.**

**Há gratidão.**

**Paz em saber que a vida é repleta de estações.**

**Gratidão por ter aprendido as lições, e agora os pés podem seguir em frente.**

**Já é primavera.**

**Seguir em frente, sem perder as lições da pandemia, é o objetivo maior desta publicação. Desejamos contar “aos que virão depois de nós” como foi vivenciar este imprevisível ano em que as escolas precisaram fechar as portas.**

**Boa leitura!**



# HAVIA UM TEMPO, QUE AINDA ME LEMBRO...

Andréa Patapoff Dal Coletto

De repente, dia 5 de março de 2020, vem uma mensagem no grupo de WhatsApp:

**Amigos Professores:** A Universidade anuncia suspensão de atividades por conta do “Coronavírus”. As aulas deverão encerrar às 21h.

A princípio achei que era exagero, que aquilo não seria tão assustador, essa tal inimiga invisível chamada Covid-19. Foi acionada a necessidade de um distanciamento severo.

**Márcia:** As aulas estarão suspensas. Até quando?

As mensagens não paravam de rolar:

**Cris:** Nem me fale! Eu não sei o que vai ser do ano escolar! Só sei que na reunião da saúde eu saí apavorada!

Depois de alguns dias, no grupo do WhatsApp, o pessoal volta dizendo:

**Daniela:** - Teremos uma reunião no Google Meet... Este é o Link da nossa reunião, hoje, às 17h. Ok?

Vem um tal convite:

**Daniela:** Entrar na reunião Zoom...

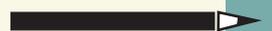
**Marta:** Como faz?

**Marta:** Não estou conseguindo entrar

**Marta:** Diz que o ID não reconhece. Estou na plataforma, mas só aparece eu!

E assim começa uma nova história: Era uma vez....

Os cursos realizados em salas de aula, de repente, entraram em meu escritório pessoal; os grupos do aplicativo WhatsApp viraram, ao mesmo tempo, um instrumento para soluções imediatas para sanar dificuldades. A todo momento, alguém vinha pedir socorro: ou porque não estava sabendo lidar com a plataforma ou querendo conversar. Mensagens de músicas de otimismo enchiam as caixas de mensagens.



No mesmo espaço, passamos a compartilhar as conversas com Amigos Professores, com a secretária da clínica querendo confirmar a consulta, com o filho, com o marido, com o vidraceiro mandando orçamento, com a pizzaria, com o contador pedindo informações, com a mãe e a tia que mandam bom-dia.

Agora a nossa escola é cem por cento virtual. Pela manhã, a rotina modificada; após me arrumar, capricho na maquiagem, uma blusa bonita e visto um moletom, não procuro mais a chave do carro, apenas preciso ligar o computador.

A palavra de ordem: ADAPTAÇÃO! Transformar, modificar, evoluir, aperfeiçoar. Um professor eficaz não foge à luta, tanto escolhida como imposta. Tornamos a luta escolhida o nosso prazer profissional.

A cada semana, sinto que meus limites são testados, no entanto, estou aprendendo muito sobre mim nesse processo.

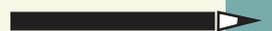
Algumas expressões ganharam novos sentidos: “está me vendo”, “liga a câmera”, “desliga o microfone”, “caiiiiiu”, “voltei”! Cachorros latindo dentro da sala de aula, marido gritando com o filho, invasão de privacidade.

— Ufa!!!

Em um dos encontros virtuais on-line, ditos aulas síncronas, falei por exatos trinta minutos ininterruptos, incessantemente, e de repente, senti falta de qualquer ruído, muito silêncio, nenhum cachorro latindo, nenhum celular tocando. Fechei a tela cheia e descobri que minha internet havia caído. Desde quando? Estava falando apenas para o meu cachorro, que me olhava — acho que tentava me avisar.

Uma coisa que percebi nos últimos tempos é que, quando encerramos as aulas ou reuniões, muitos não saem da sala virtual, querem ficar por ali mesmo e apenas conversar comigo. Não por nada acadêmico, apenas para conversar.

O grupo de Amigos Professores ficou mais silencioso, acredito que pelo montante de aulas, webinars, lives. Chamei-os e lancei a pergunta: Como está a vida da escola on-line? Poucos responderam, mas muito disseram:



**Wellington:**

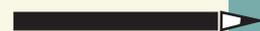
**Nas aulas on-line, falta o olhar, a troca, a energia. Alunos e alunas podem estar ou não na aula; muitos não abrem as câmeras. Alunos mais carentes buscaram ocupações para suplementar a renda familiar, pois os pais perderam emprego. E, para mim, as instituições como um todo têm falhado em compreender o momento, na ânsia de cumprir conteúdos mínimos. Muitos agora precisavam de um momento de escuta, de fala. Vivemos um momento de exceção e os sistemas não podem somente considerar entrega de atividades como ação pedagógica. Sinto falta da sala de aula. O ensino on-line não dá conta de todas as demandas de um verdadeiro projeto educacional transformador, humano.**

**E a Marili continua:**

**Na tentativa de criar vínculos, pedi aos alunos que escolhessem uma música para ser mostrada no final da aula. O critério era gostar e se sentir bem. A partir disso, compartilhar esse sentimento com a classe. Não consegui atingir a totalidade dos alunos, mas me recordo de uma situação em que um aluno apresentou sua música e, ao abrir a câmera, estava parte da família participando e cantando junto. Alguns vínculos foram construídos, outros precisarão de uma reconstrução. A sala de aula permite que isso seja feito de forma mais rápida e mais pontual. Engraçado que nem mesmo a gente se dá conta disso. A pandemia nos trouxe essas perspectivas.**

**A Rebeca também participou desse bate-papo. Escreveu que os laços afrouxaram. Por trás das câmeras e microfones desligados, os alunos escondem — em sua maioria — sua identidade. Diferente da sala de aula presencial, em que percebemos gestos, olhares e silêncios reveladores.**

**O Sérgio, com seu humor, mas muito comprometido com a integridade das crianças, comenta a dificuldade de trabalhar com o corpo virtualmente, a exposição despreocupada, principalmente com os pequenos, que são mais dependentes. A gente se depara com crianças de pijama, de cuequinha, enrolados na toalha, muitas cenas.**



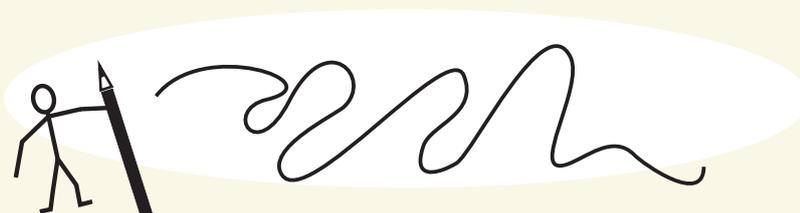
O que vale mesmo são os abraços virtuais pela vida, com amor, compaixão e gratidão.

Quantas histórias, muitas ressignificações, muita solidão, compartilhamentos, muitos paradoxos coabitam nesse território. Estou aprendendo com essa condição. Crescendo com eles, na torcida para que possamos construir confiança, uns nos outros, ao longo deste tempo. E tenho esperança de um amanhã melhor.

Exausta. Esta é a melhor maneira de descrever como tenho me sentido nas últimas semanas. Exausta, como se estivesse participando de uma maratona. Exausta, mas também muito animada. Essa infeliz circunstância, de uma forma estranha, me permitiu realmente tentar descobrir e reconhecer alguns potenciais nunca revelados.

Está tudo perfeito? Absolutamente não. E ainda há um longo caminho a percorrer. Haverá muitos momentos mágicos e vitórias, com muitos fracassos. Em busca de um espaço pela busca de uma luz diante das incertezas, não podemos deixar de caminhar a favor do sentido do ato educativo, que é fazer parte de processos de transformação. Educar é provocar mudanças, crescimento, desenvolvimento de potencialidades na formação plena das pessoas. Essa circunstância pela qual estamos passando deve ter por si uma função educacional. Temos o desafio a dar respostas pedagógicas frente a esse cenário que tem nos ensinado a valorizar cada vez mais a importância do ser humano em todas as suas dimensões e a reconhecer a escola como um lugar de ‘encontros’.

Agora vou sair, buscar um cartucho para minha impressora. Enquanto fecho a bolsa, vem à memória as bolsas que utilizava para cada curso que ministrava. Apenas sorrio, pois agora busco o kit de sobrevivência: álcool em gel e a máscara. Nada será como antes do ciberespaço.



# PANDEMIA: VIVENDO E APRENDENDO A VIVER...

Anita Lilian Zuppo Abed

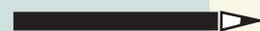
**Sou uma pessoa que ama o conhecimento! Não é à toa que me tornei uma professora...**

**Como pesquisadora e como educadora, sempre me fascinou a questão dos paradigmas que estão por trás das teorias e das práticas: as concepções de homem e de mundo que conferem sentido ao conhecimento e delineiam o ensino e a aprendizagem. Penso que a historicidade dos fatos é elemento essencial na busca pelo conhecimento, na tentativa de apreender a complexidade da vida e dos saberes.**

**Desde meus tempos de escola, estudar História sempre significou, para mim, viajar no tempo e mergulhar em outros contextos sociais: habitar um feudo, viver na América pré-colombiana, dormir em um acampamento do exército romano no dia que antecede a batalha... E o que dizer sobre os grandes acontecimentos? Aqueles que marcaram transições profundas na humanidade, como a peste bubônica e as grandes guerras no século XX? Provocavam em mim algo do tipo “Nossa, deve ter sido horrível viver nessas condições! Quanta insegurança, quanto medo!!!”**

**Não sei vocês, mas a mim jamais ocorreu que eu seria protagonista de um grande acontecimento histórico, de uma mudança de era. É assim que vejo a pandemia da Covid-19: um marco de transição, a passagem para um outro estilo de “ser e estar no mundo” que ainda não sabemos como será — afinal, seremos nós os autores desse tal de “novo normal”.**

**Mas uma coisa é certa: o mundo não será o mesmo, nós não seremos os mesmos. E tenho muita esperança de que poderemos aproveitar o melhor dos dois mundos: o presencial e o digital, para construir uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva e solidária, como orienta a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).**

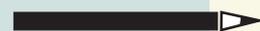


Cada um “fala a partir de onde os pés pisam”, como diz Leonardo Boff. Minhas reflexões são de alguém de classe média, que não perdeu ninguém próximo para a doença. Um lugar privilegiado, eu sei. Fui dispensada de um trabalho que amava, fiquei sem minha principal fonte de renda; a idade e um câncer recente me colocaram no grupo de risco... Mas não são das dores que tiramos força e ensinamentos importantes para a vida?

De um dia para o outro, tivemos que adotar, na marra, uma vida nova em que os contatos físicos e presenciais se tornaram fonte de perigo mortal. Percebo que ocorreu um fenômeno interessante: ao mesmo tempo que tivemos de nos fechar em casa, fomos lançados à necessidade de uma “aproximação on-line” que, no final das contas, possibilitou o estreitamento do vínculo entre várias pessoas que, no presencial, talvez nem chegassem a se conhecer. Vivi isso enquanto professora, em reuniões via plataforma com os demais docentes do curso de pós numa das faculdades em que leciono. Ganhei novos amigos, que gostoso! E cultivei velhas (e nem tão velhas) amizades por meio das mídias sociais... Algo que não era possível em tempos de trabalho presencial, que consumia tantas e tantas horas... E olha que eu nem perdia tanto tempo assim nos deslocamentos...

Se por um lado houve o fechamento das escolas, das empresas, do comércio não essencial, das academias e clubes, dos bares e restaurantes, dos parques e tantos outros espaços de lazer, por outro lado todos nós fomos forçados a construir novas maneiras de nos conectarmos, de sobreviver, de nos comunicarmos, de não nos isolarmos. E vejam só que interessante: a obrigação de “ficar preso em casa” desencadeou novos formatos de “sair de casa”, de encontrar pessoas que muitas vezes estão a muitos quilômetros de distância! Sou de São Paulo, capital, e estou fazendo um curso promovido pela Universidade Federal do Ceará, junto com educadores do Brasil inteiro. Quem diria!

Mas um fenômeno que me chama muito a atenção é o da transformação que muitos foram obrigados a encarar: os papéis sociais dentro das famílias se ampliaram e se tornaram mais complexos.



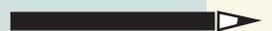
**Pais tiveram de assumir um lugar essencial de apoio ao aprendizado escolar dos seus filhos... Crianças, jovens e adolescentes precisaram ampliar e diversificar o uso das mídias digitais para “aprender a aprender” no espaço virtual...**

**Tivemos de passar por inúmeras aprendizagens relacionadas às tecnologias digitais, como o uso de ferramentas, plataformas, vídeos, áudios... Quanta aprendizagem! Quanta necessidade de planejamento, de organização interna e externa, de construção de estratégias de ação! Como se comportar na rede nos diferentes contextos? Quais são as regras para estudar, trabalhar, estar com amigos, comemorar o aniversário, tudo on-line? Muitas das regras de convivência “remota” ainda não existiam, tivemos de construí-las... E não é que foi possível?**

**Aliás, vivemos um tempo em que a expressão “TODO O MUNDO” nunca foi tão literal. O dia a dia com o qual estávamos habituados desmoronou, como uma parede de papel diante do tsunami provocado por um ser minúsculo, microscópico, um inimigo invisível e tão perigoso. Isolados e, ao mesmo tempo, “planetários”, como diria Edgar Morin, unidos em torno de uma mesma necessidade de sobrevivência.**

**Adoro uma metáfora! Minha dissertação de Mestrado foi sobre isso. Então, para encerrar, gostaria de compartilhar uma imagem que usei em uma live sobre os ganhos da pandemia: o famoso “copo meio cheio ou meio vazio”? Viver em um estado de exceção não foi escolha para nós, mas o que fazemos com aquilo que estamos vivendo, sentindo, experimentando, tudo isso são escolhas... Diz o ditado que podemos focar no “copo meio cheio”, ou seja, no que temos, e não na falta. Mas eu vou além: o copo, na verdade, está totalmente cheio: de líquido e de ar. O ar nós não vemos, mas é ele que possibilita a vida.**

**Água e ar, visível e invisível, presencial e on-line... São preenchimentos diferentes (cada um com a sua força), mas complementares e essenciais à vida. Então, quando ultrapassarmos a pandemia, que tal construirmos uma vida mais equilibrada e saudável em um planeta também mais saudável?**

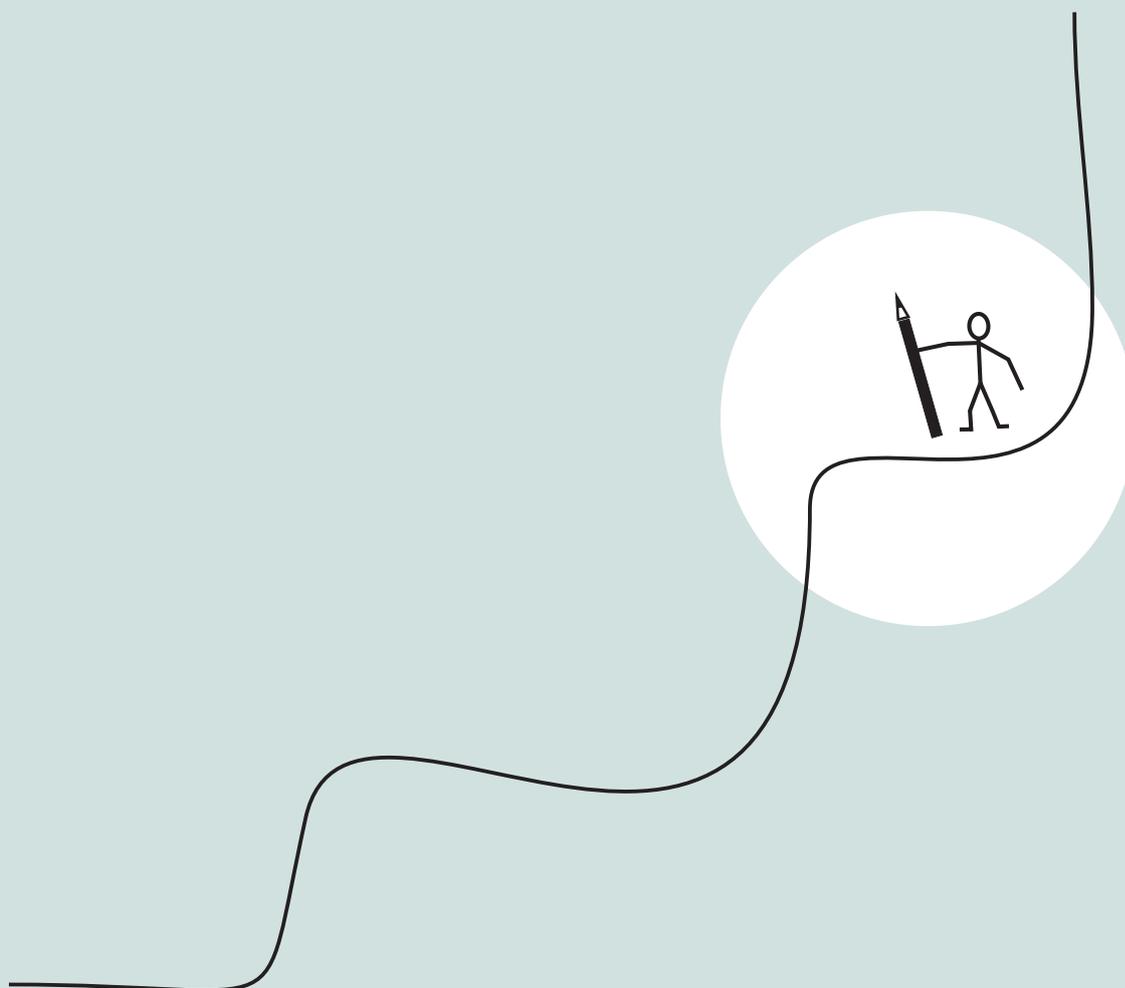


**Que tal empresas híbridas, escolas híbridas, comércio híbrido, vida híbrida?**

**Que tal se redimensionarmos os desejos, as necessidades, os valores, as prioridades?**

**Que tal se todos nós tivermos mais tempo para cuidar, com mais carinho e atenção, do mundo, das pessoas, dos espaços, de nós mesmos?**

**Eu topo! E você?**



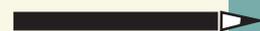
# PASSOS E DESCOMPASSOS DA EDUCAÇÃO

Antonio Carlos Valini Vacilotto

Viver um momento tão ímpar quanto o desta pandemia, surgida em março de 2020, nos fez refletir mais profundamente sobre a vida, em diferentes aspectos. Durante a nossa trajetória, diante dos imprevistos e obstáculos, nunca foi tarefa fácil o desapego da zona de conforto que, por mais que nos limitasse, acabava por ficar a sensação de segurança, mesmo que ilusória.

A pandemia nos atropelou, nos fez viver um misto de sensações, incompreensões e nos fez compreender, de uma vez por todas, que o mundo é mais complexo e volátil do que nós poderíamos imaginar. A pandemia abalou as nossas estruturas. Reformulou por completo a nossa rotina, as nossas convicções e as nossas emoções. Se soubéssemos antecipadamente que teríamos de vivenciá-la, talvez nos dedicássemos mais a priorizar a humanização das diferentes atividades que já desenvolvíamos, com o intuito de contribuir aos que virão, para a maior difusão dos conceitos de cidadania, senso coletivo, empatia, resiliência e ética.

A questão da ética é uma importante dimensão a ser analisada. Se, por um lado, parece haver uma compreensão positiva desta dinâmica — a ética pode e deve ser ensinada —, não se supera tal assertiva com uma proposição educacional, teórica e didática consequente. Aponta-se a necessidade, mas não se apresentam os meios reais. Em muitos recortes prevalece uma concepção inatista de moralidade e uma leitura derivada de inspirações religiosas ou naturalistas de forte acentuação maniqueísta sobre a dialética do agir humano. São condições reconhecidas, semiológicas, epistemológicas e políticas, que nos desafiam a conhecer melhor a gênese de tais considerações e nos impelem a buscar acompanhar pedagogicamente a dinâmica de seus desdobramentos sociais, pessoais, formativos e culturais.

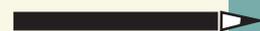


**A ação histórica nos conduz a integrar a reflexão sobre ética a uma compreensão dos projetos políticos em disputa na sociedade de classes em que vivemos. Essa parece ser nossa constatação social, política e educacional mais premente. Assim, nos autorizamos a dizer ou constatar que não há somente uma representação monolítica da ética, pairando acima dos grupos e classes sociais, como querem fazer crer as fontes idealistas e os discursos e práticas prescritivas e parenéticas.**

**Reconhecemos que há uma dialética social que dispõe algumas chaves políticas para o entendimento do agir humano, pessoal e coletivo. Se na sociedade consideramos a existência tensionada de forças sociais conflitivas e de relações políticas contraditórias, que abarcam interesses das classes dominantes, de um lado, e que igualmente, com forças distintas, podem representar as formações morais dos grupos e das classes subalternizadas, teremos de reconhecer a mesma dialética nas propostas de representação da ética.**

**Assim fundamentados na compreensão da clivagem social e política de base, própria da sociedade de classes, não poderemos reconhecer uma única ética, mas sim éticas distintas, de origens sociais diversas, muitas vezes contraditórias, engendradas nas representações de mundo e de sociedade que cada um desses grupos e dessas classes sociais expressam, que cada classe social defende e que cada projeto moral tem como horizonte de sua visão de mundo.**

**Nessa consideração é que somos autorizados a reconhecer a existência de uma forma de ética da dominação, por um lado, consubstancialmente nas práticas hegemônicas de moralização e controle e, por outro lado, a existência de uma forma de “ética da emancipação”, isto é, de um conjunto teórico e prático de projetos e de propostas de superação dos valores e das práticas impositivas e desumanizadoras, constituído por valores morais e por condutas sociais de humanização e de defesa dos Direitos Humanos.**

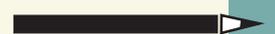


**Se soubéssemos antecipadamente que teríamos de vivenciá-la — a pandemia de março de 2020 —, daríamos mais valor à convivência com aqueles que amamos, ao autocuidado e à busca de evolução pessoal e espiritual. Mas a vida segue.... e segue imprevisível. Mesmo com tantas transformações e inquietações, a vida continua nos surpreendendo, nos ensinando a viver o momento presente e agregar grandes e significativas lições retiradas das crises para serem usadas nos próximos desafios.**

**Uma situação de crise caracteriza-se como a “interrupção do curso regular e previsível dos acontecimentos”. (FGV, 1987, p. 284). Essa interrupção da normalidade na vida prática denota um momento ruim, como se aquilo que estava em ordem, agora, tivesse ficado em desordem, em desacordo. Esse pensamento recebe nova roupagem em 1995, quando o professor Octavio Ianni aborda a questão a partir da ideia de que a crise é um momento de criação, em que se abandona a inércia em busca de soluções, de novas ideias e oportunidades. Assim, esse conceito de crise representa um momento de repensar a profissão, os relacionamentos e o agir, com tudo e com todos.**

**É a esta situação que professores estão sujeitos desde o início do ano de 2020. Imediatamente após a adoção de medidas de contenção, os docentes precisaram repensar suas atividades pessoais e profissionais, além das práticas em sala de aula. Momento inusitado que, a exemplo de Ianni, representa uma oportunidade de aprendizado urgente e de profundas reflexões sobre temas como práticas docentes e processos de ensino-aprendizagem.**

**Diversos países já adotaram medidas para enfrentar essa infodemia e nós, docentes, acreditamos que precisamos ultrapassar os limites de nossas práticas e conteúdos, (re)pensando metodologias e o uso de ferramentas, além de informar e formar a comunidade sempre a partir de um ponto de vista acadêmico-científico.**

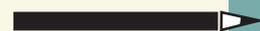


Diante da nova situação de crise, a primeira alternativa encontrada foi a utilização das tecnologias de comunicação e informação (TICs), que há tempos foram introduzidas no ensino, para a ativação de aulas a distância. Essa obviedade mostrou-se insuficiente e a adaptação dos conteúdos e metodologias demandou criatividade e novos (des)limites nos processos educacionais.

Para Santos (2020), “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de pessoas”. Ao se discutir o uso de plataformas digitais para atividades remotas e o seu uso voltado à educação, fez-se necessário pensar no que tange à importância das ações de questionar, dialogar, refletir, criticar e, então, aprender — intrínsecas, segundo Morin (2004), ao ato educativo. Nessa perspectiva, torna-se essencial trabalhar acerca de como a aprendizagem depende do relacionamento entre educador e educando, e como este necessita estar apoiado em pessoalidade e confiança.

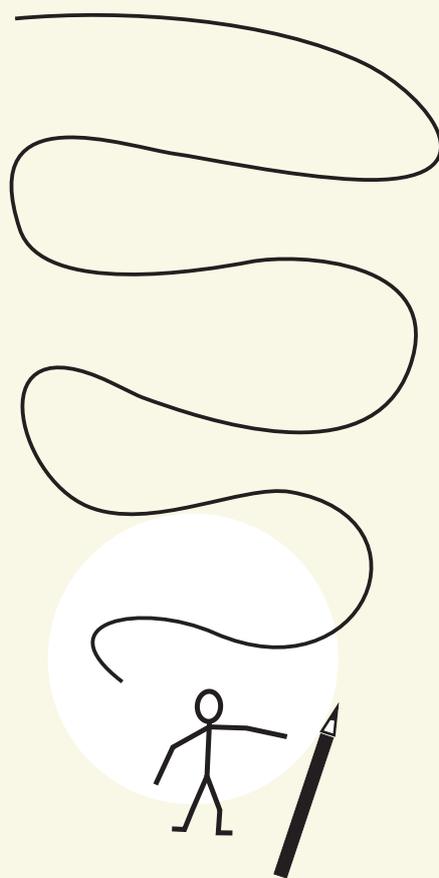
Testando métodos e agindo segundo as diferentes preocupações — a de se ver o aluno como ser humano, com dificuldades e, ao mesmo tempo, como estudante que merece aprender —, inúmeros foram os esforços para os estudantes aprenderem e interagirem. Muitos caminhos foram trilhados e muitos atalhos experimentados: de um momento para outro, professores e alunos precisaram (des/re)aprender a aprender, usando de novas ferramentas, novas formas de trabalhar e novas formas de se relacionar. A verdade, porém, é que esse aprendizado não acaba aqui, dado que não teremos mais a possibilidade de estar no mesmo mundo de antes, com os mesmos hábitos e costumes.

O ensino híbrido se abre com ainda mais pungência à nossa frente e, perante ele, é preciso atentarmos a um modelo de ensino diferente e que, se perder suas raízes nessa relação de pessoalidade e confiança entre professor e alunos, perderá seu fio condutor.



**Certamente estamos trabalhando mais: planejando aulas; gravando e editando conteúdos; elaborando atividades e postando-as nos ambientes virtuais; prestando assessoria on-line; organizando plantões de dúvidas; buscando obter feedbacks para o acompanhamento individual dos alunos; conversando e estando próximos, o mais possível, dos estudantes enquanto pessoas; tentando estar próximos da comunidade.**

**O desafio à nossa frente é grande; os passos e descompassos da educação são visíveis neste momento; a rotina mudou, e ainda não sabemos ao certo como ficará. Mas fica aqui uma primeira reflexão sobre ética e sobre as relações de ensino-aprendizagem neste momento em que, em vez de estudarmos um evento histórico, estamos vivenciando um!**



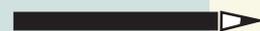
# DECIFRA-ME OU EU TE DEVORAREI

Cesar Nunes

Viver um tempo de pandemia não era o que eu imaginara em nenhum de meus piores pesadelos. Pois o conceito de pandemia trazia à memória um estranho e assustador cenário de dores, de mortes e doenças, de imagens desfeitas e de flagelos sem fim. Imaginava pestes medievais e contaminações trágicas marcadas por corpos amontoados, por gente desolada em prantos e por coletivas histerias, por uma sucessão de acontecimentos que retratavam loucuras e tristezas, numa tétrica representação de mortandades sem par pela história afora. Meu imaginário era povoado por essas imagens quebradas.

A realidade da pandemia da Covid-19 me fez mudar essa imagem teatral. Via os números e as curvas, todos os dias, expostas com uma didática perfeita, nas televisões e canais do mundo todo, e observava a impecável apresentação dos jornalistas, todos elegantes em suas roupas sempre originais, na cobertura da imprensa, sempre entre o polido e o frio bastão da suposta imparcialidade. Mas alguma coisa me incomodava: como decifrar uma pandemia, como entender suas causas e sua dinâmica, de onde veio, para onde vai? — se é que há esses hiatos de idas e de vindas, que sempre buscamos admitir nos acontecimentos dessa natureza. Foram dias e dias de estupefação e dores.

E acabei buscando dar conta desta tarefa exigente: decifrar a pandemia. Ao escrever a palavra “decifrar” lembrei-me do universal bordão da Esfinge, a devorar os tebanos com uma mortal charada ou um letal enigma: “Decifra-me, ou eu te devorarei!” Não preciso dizer que este é o leitmotiv de minha necessidade de escrever estas mal traçadas: a ansiedade para decifrar a Esfinge da Covid-19 e não ser por ela devorado ou aniquilado. Sinto a pergunta da Esfinge nos meus ouvidos e sinto seu bafo de morte em minha alma.

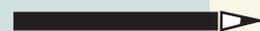


**Eu pedi às bênçãos das iluminações das madrugadas insones para pensar em silêncio, e nesse recolhimento ousar preparar meu espírito para a decifração da Covid-19. Pois quem não decifrar a pandemia, será fatalmente devorado por ela, sem nenhuma exceção, sem piedade ou alguma outra disposição. A tarefa de decifrar a Esfinge se renova no último ano da segunda década do terceiro milênio. Não haverá fim de ano enquanto não soar a extinção da maldição.**

**As coordenadas que me balizam nessas madrugadas sempre se referem a Clio, a ninfa da História. Nela me valho para alcançar algumas iluminuras possíveis neste barco sem leme, sem que eu me sinta capaz de guardar a moeda para o barqueiro da travessia pantanosa. Só vive quem faz, só vive quem vê.**

**A economia da sociedade moderna alterou radicalmente a realidade do mundo, do planeta. Nossas invenções e descobertas, da Revolução Industrial e Urbana (1780) para cá, já acumulando mais de duzentos anos de desenfreada agressão aos recursos naturais do mundo, sob a batuta de um antropocentrismo empirista e racionalista, na ânsia de supostamente dominar o mundo e submetê-lo ao ser humano, de produzir mais e melhor, de desentranhar todos os mistérios e de dessacralizar todas as matérias, chegou a um ponto sem volta. Máquinas hiperpotentes, inteligência artificial, satélites e miríades de recursos energéticos de toda sorte, tecnologias indiscutíveis foram grassando os campos, reduzindo os espaços da natureza primordial, expurgando os animais, extinguindo outros, ocupando tudo ao sabor das forças e dos interesses pantagruélicos do capital.**

**Foi a avassaladora e desenfreada corrida do capitalismo racional e produtivo — movido pelo lucro e pela apropriação das forças naturais — que gerou a mercadoria. E a mercadoria é a mãe da pandemia. Foi a mercadoria que cerrou as fronteiras nacionais, regurgitou as peias éticas idealizadas e tomou de assalto o mundo inteiro, o planeta todo. Foi a mercadoria que abriu rotas por mares reais e oceanos virtuais, navegando no capital especulativo e na vigilância de todos sobre todos e tudo.**

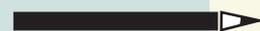


**A mercadoria gerou a pandemia. A pandemia é filha da mercadoria. Sem entender e sem superar a civilização que tirou a harmonia do mundo, não há salvação.**

**Se a derrubada do Muro de Berlim (1989) representa simbolicamente o fim de um modelo de socialismo real, que pretendia realizar uma crítica e uma suposta superação estrutural do capitalismo, sem o conseguir, a disseminação da pandemia da Covid-19 representa, para mim, o ocaso, o crepúsculo, a agonia do modelo de capitalismo que gerou a mercadoria, e abriu todas as veias do mundo para a circulação livre de seus tentáculos. A mercadoria moldou o mundo, e gerou a filha diletta de si mesma, a pandemia.**

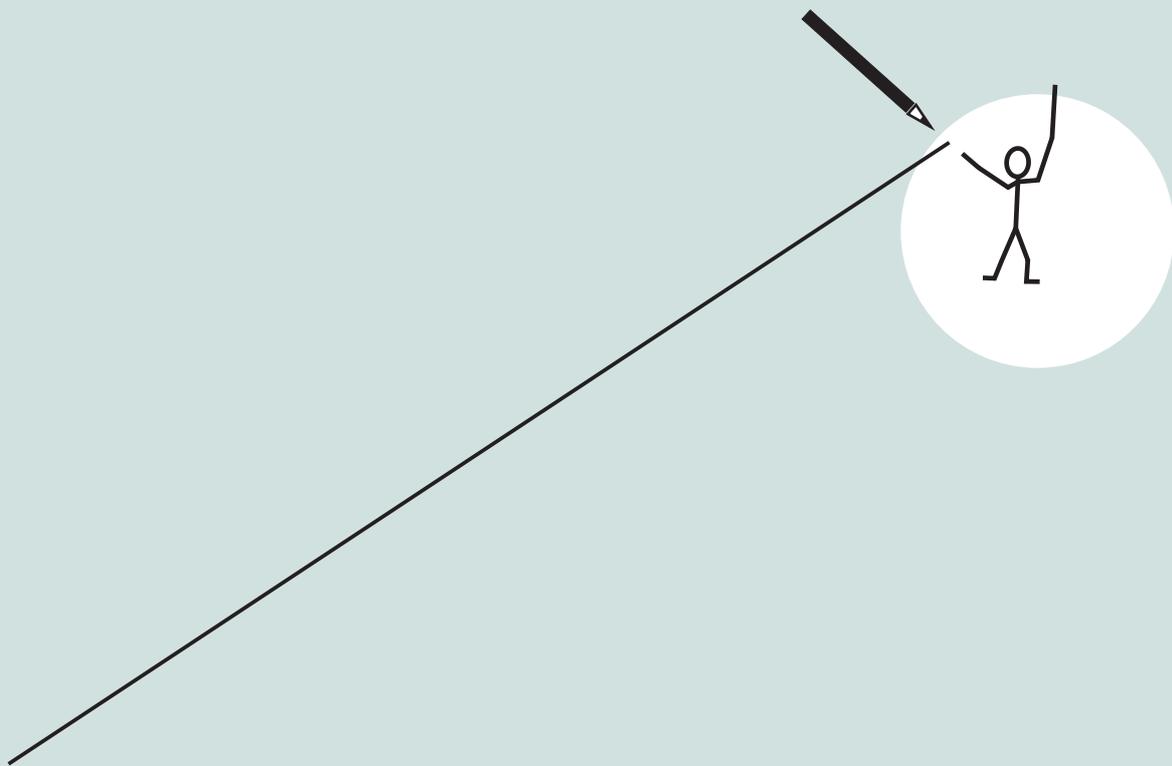
**Sem campos e sem montanhas, sem águas e sem lugar, o vírus estritamente animal deslocou-se da célula matricial para a célula humana, igualmente animal. Foi chamado de “novo” coronavírus, pelas alusões a representações de pequenas coroas em seu invólucro viral. Este codinome de “novo” justifica-se, pois encontrava uma nova colônia celular nos organismos humanos. Os seus ascendentes, presentes em aves, bovinos e suínos, eram os “velhos” coronavírus.**

**No dia da Parusia haveremos de entender que a pandemia foi gerada pelo consumo, pelo assalto ao mundo natural, pela hecatombe da destruição das florestas e da poluição dos rios e mares, mas, sobretudo, pela geração de uma desigualdade ignominiosa no acesso e no usufruto dos bens materiais coletivamente produzidos pelo conjunto de homens e mulheres: moradias desumanas e indignas, falta de acesso à saúde, transportes coletivos irracionais, falta de saneamento básico nas casas, recursos hídricos caros e desviados para a produção e não para o bem-estar das pessoas, cidades neurotizantes de trânsitos caóticos e mortais — tudo o que costumeiramente vemos e já não sentimos. Uma minoria próspera e uma maioria desvalida. O capitalismo foi capaz de produzir riquezas incontáveis, mas é intrinsecamente incapaz de distribuir as mesmas riquezas para todos e para todas.**



Com estes pensamentos minha alma não dorme jamais. A vacina, produto da ciência aplicada, será capaz de salvaguardar algumas contradições sociais e sanitárias, se for submetida a uma nova lógica: a da distribuição pública de doses necessárias e recorrentes. Mais de 20 anos serão necessários para ajustar um protocolo saudável e seguro, com a democratização efetiva das vacinas, se vier a acontecer.

E a Esfinge continua a perguntar: “Decifra-me ou eu te devorarei!” A resposta de Édipo é a seguinte: “É o ser humano, que de manhã parece ter quatro patas, quando engatinha; ao meio do dia parece ter duas patas, quando caminha como um bípede; e, ao fim do dia, alcança um cajado, que parecer ser uma terceira pata. Só quando o ser humano for a resposta, a esfinge será decifrada!”



# AOS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS - O FUTURO CHEGOU ATROPELANDO TUDO

Isabel Parolin

Todos os fatos, para mim, foram se atropelando. Das imagens de Wuhan – China, ao anúncio de que estávamos vivendo uma pandemia, até eu me ver tendo de escolher o que levar do meu consultório para casa, não sei organizar cronologicamente os fatos.

E agora? Como será? Inúmeras perguntas, que exigiam respostas, me ocupavam.

Não sentia o descompasso do meu coração, mas me percebia alterada, desfocada, necessitando respirar conscientemente.

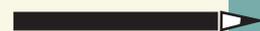
O tempo passou voando.

Lembro-me, como se fora em um breve minuto, entre me imaginar na condição dos chineses e a ansiedade de ter de viver o que temi, e ao que fechei os olhos para não ver: as cidades vazias, todos em casa, afastados de seus afetos, correndo o risco de contaminar-se pelo vírus da Covid-19.

Confundo, quando tento ordenar as lembranças: as imagens dos italianos cantando em seus terraços, com as imagens dos hospitais do Rio de Janeiro; dos países europeus fechando suas fronteiras, com as do Aeroporto de Guarulhos vazio, sendo lavado; com as notícias do vírus se disseminando, rapidamente, entre nós e os gráficos estatísticos aumentando, aumentando, aumentando...

Como psicopedagoga trabalho com sucata, jogos, manipulação de materiais. E agora? Como vou trabalhar? Como atender às crianças? E as minhas viagens?

Meu pensamento recorrente era: Como vou trabalhar à distância? Mas serão só uns quinze dias, no máximo um mês, me consolava ... As escolas fechadas, como farão as famílias?



**Mas serão só uns quinze dias, no máximo dois meses, me acalmava ... Como as pessoas trabalharão de casa? Os supermercados ficarão desabastecidos? Como eu me cuido? E assim, se passaram muitos meses...**

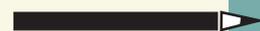
**Fui para casa numa sexta-feira, dia 20 de março, e na terça próxima, dia 24, fiz minha primeira live. Minhas pernas tremiam, nunca tinha feito lives, só gravações e aulas para EAD. No meio da live o tripé cuspiu meu celular, que caiu no chão e eu me vi, de quatro, procurando o celular e ouvindo a pessoa que me recebia em seu Instagram, perguntando se eu estava bem. (...) Não, eu não estava bem! Os gráficos de mortes, as notícias de pessoas se contaminando, eu vivendo em confinamento em casa, o desconhecimento do que estava por vir eram assustadores.**

**Deixei de ouvir notícias e comecei a me ouvir.**

**Fui me organizando: rotinas, cuidados comigo, com a casa e com o trabalho. Aprendi a ficar on-line e off-line, os procedimentos de higienização, como conviver com meus amores, a importância de dar e receber notícias, a bem viver em casa — olhando a partir das minhas janelas, descobri que sou da rua!**

**Dominei o medo, mostrei para os meus fantasmas quem mandava, coloquei minha coragem bem no centro da mesa. Fui me acalmando à medida que entendia o que estávamos vivendo; fui entendendo o que estávamos vivendo à medida que me ouvia e ouvia os amigos e isso me acalmava — redescobri o valor da partilha, das vozes, dos sons e, de repente, percebi que meu coração passou a bater num compasso familiar, assim como fiz as pazes com as boas noites de sono.**

**Fui aprendendo a usar plataformas, arrumei no meu escritório uma internet de melhor qualidade, instalei iluminação e uma mesa adequada; quando me dei conta, estava dominando os modos de me fazer presente, de trabalhar remotamente, de poder somar, de viver — eu estava live.**



**Aprendi muito, a cada dia. À noite estou exausta de tanto trabalhar, de tanto descobrir, de tanto me desafiar, me reinventar, desaprender para poder aprender de outros olhares e lugares, de outros saberes e sabores e com novos significados.**

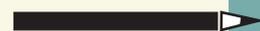
**As vozes humanas, o conhecimento, o afeto da família, dos amigos, dos parceiros de trabalho me confirmam o rumo que escolho e me dão a certeza de que não estamos no mesmo barco. Vez por outra, sei de um barquinho que se perdeu, ou ainda, ouço algum barco que me chama, só para saber em que direção as minhas bússolas apontam.**

**Veza por outra, me vejo cantando a música do \*Paulinho da Viola, que me dá o ritmo ao que estou fazendo: “Faça como um velho marinheiro, que durante o nevoeiro, toca o barco devagar”...**

**Fui atendendo às famílias, trabalhando no que sempre fiz: a relação família, escola e a aprendizagem. Falamos de rotinas, de territórios, de papéis, de aprendizagens e de ensino, sobre princípios da formação humana, sobre qual educação atende a vida que está se descortinando. Com as crianças e jovens construí um espaço de trocas: o que estão sentindo, o que estão aprendendo, o que estão fazendo, o que estão sonhando, o que falta, o que estão ganhando e perdendo.**

**Como consultora, vivi plenamente. Fiz lives quase que diariamente, às vezes com milhares de pessoas, às vezes com vinte ou trinta. Trabalho com grupos de pais, com profissionais da escola, num exercício de compreender de que lugar cada um narra suas histórias e, de repente, me percebi enriquecida, fortificada por todas as valiosas partilhas. Passei a odiar as câmeras fechadas e amar estar na casa das pessoas, a partir da minha casa e ao mesmo tempo num “não lugar”, que inventamos, só para podermos ter o prazer de estar juntos. Isso tem sido sensacional! Mudo de cidade, de plataforma e de assunto em um toque. Isso tem sido fantástico!**

**A urgência de não morrer para a vida que eu escolhi viver, me fez expandir o olhar e a escuta, apesar do limite imposto pelos quadradinhos das plataformas.**



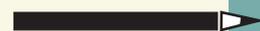
**A demanda que o trabalho com as famílias — que não estavam preparadas para assumir suas crianças e jovens o dia todo e, muito menos, as tarefas de escolarizá-las; o trabalho com as escolas, que não conseguiam afinar o ritmo das demandas dos alunos, com suas plataformas improvisadas e com o fluxo produtivo dos professores; os afazeres domésticos; a falta de sol e de exercício físico; as perdas que anunciam que ainda estamos em plena pandemia, provocaram-me uma importante aprendizagem: se aprendi a viver on-line, com as ferramentas adequadas a essa modalidade, aprendi, também, a ficar off-line, com todos os instrumentos necessários para bem viver. Passei a fazer relaxamento, ioga e exercícios físicos, sozinha, em minha sala. Li mais, orei mais, contemplei mais. Me encorajei em caminhadas ao sol, com máscara — que torna tudo bem difícil —, e potencializei minha prática de meditação.**

**Me senti em boa companhia, apesar de sentir falta das boas companhias.**

**Ainda vivemos essa incerteza... A pandemia está entre nós, mas muitos a negam, a ignoram. Quando vejo a profusão de pessoas sem máscara, nas ruas, sinto que muito ainda será preciso trabalhar em prol da compreensão de que somos um grupo de pessoas — seres humanos, que partilhamos o mesmo espaço, mas não o mesmo destino e, espero fortemente, não o mesmo vírus.**

**Quanto tempo ainda viveremos com a cor das bandeiras sanitárias comandando a nossa possibilidade e segurança de ir e vir? Quanto tempo mais usaremos máscaras? Cumprimentaremos nossos semelhantes em distanciamento? Sei que escrevi este texto em tom de quem já vislumbra o final de tudo isso, porém essa ideação é uma aposta que faço, esperançando um breve e bom final, dessa tão intensa experiência humana que todos nós vivemos.**

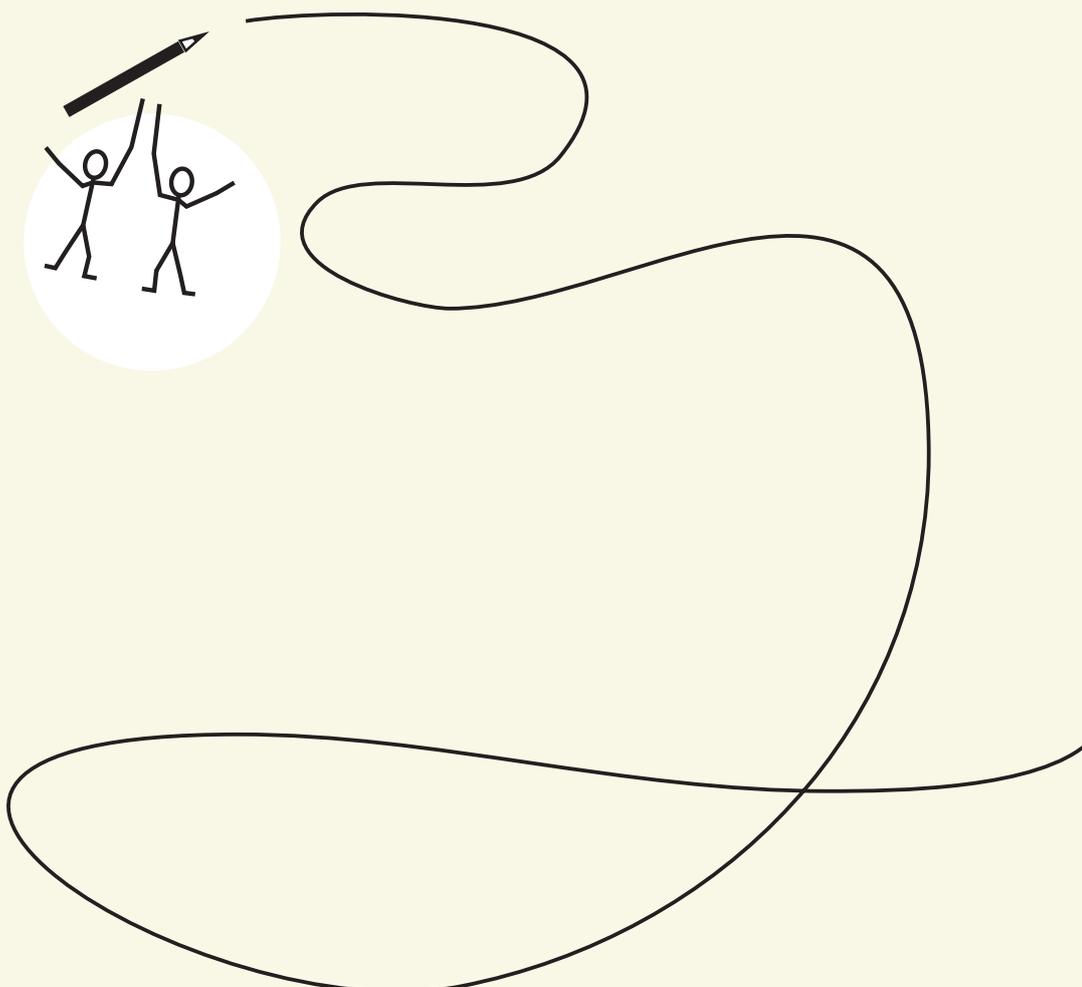
**Espero, fortemente, poder contar a todos vocês como tudo isso terminou. Dividir com vocês, que estão por vir, como nós nos reinventamos e saímos desse pesadelo.**



Espero, ainda, contar a todos como conseguimos nos tornar seres humanos melhores, mais empáticos e fraternos, após tudo isso que partilhamos. Imagino contar a todos como nós conseguimos aprender a sonhar juntos, após o pesadelo coletivo.

Apreendi na carne, na verdade reafirmei, que o ser humano se completa num abraço, que nós precisamos nos sentir pertencentes a um grupo, que somos melhores juntos, mesmo que seja em uma mesma plataforma e, sobretudo, que o conhecimento precisa ser o que nos torna melhores pessoas, para respondermos à vida com mais sabedoria.

\* Canção Argumento, de Paulinho da Viola .



# NÃO FIZEMOS A LIÇÃO

Luciana Maria Caetano

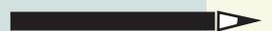
Em 1948, Jean Piaget, à frente da Comissão Suíça da UNESCO, escreve sobre o Artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos do Homem: “o direito à educação não é apenas o direito de frequentar escolas: é também, na medida em que vise à educação ao pleno direito de encontrar nessas escolas tudo aquilo que seja necessário à construção de um raciocínio pronto e de uma consciência moral desperta” \*.

De lá para cá, tantas transformações de políticas públicas, tantas pesquisas científicas sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral, social da criança, tantas conquistas tecnológicas, mas a questão ainda permanece: oferecemos às nossas crianças uma escola que oportuniza a construção do pensamento crítico e do desenvolvimento do caráter?

Talvez seja melhor prepararmos nossas desculpas. Não fizemos a lição de casa e, agora, as escolas estão fechadas.

Agora que precisamos de tanta consciência moral. Agora que precisamos nos colocar no lugar dos que não têm emprego, não têm casa, não têm convênio médico, não têm informação, não têm lugar na sociedade, não têm... Agora que precisamos compreender que somos todos da mesma espécie, todos ameaçados por um vírus ainda desconhecido. Agora que precisamos aceitar a perda da liberdade de ir e vir em prol do direito de permanecermos vivos.

Agora que precisamos permanecer em casa e estar a sós com nossos pensamentos, nossas emoções mal resolvidas, nossas angústias e traumas, nossas dores e medos. Agora que precisamos da vacina e percebemos o quanto precisamos de remédio para o físico e para a alma. Agora que precisamos da ciência, apesar de muitos ainda se iludirem com crenças insensatas. Agora que precisamos de solidariedade, de respeito, de tolerância, de humildade, de perdão, de autocontrole.



**Agora que os rios correm mortos e sujos, agora que as florestas estão queimadas e devastadas, agora que tantas espécies estão extintas, agora que a fome prolifera, que a água limpa é escassa. Agora que poucas tribos restam e tantos índios estão mortos, mais uma vez outros tantos estarão mortos porque não fizemos a lição de casa. E agora a escola está fechada.**

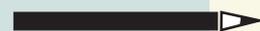
**Agora que o abraço está proibido e já não podemos mais ver os sorrisos, desculpem-nos. As crianças que têm casa estão em casa, e as que não têm casa não sabemos onde estão. Mas a escola está fechada.**

**Abram seus computadores. Abram tablets e celulares. Quem tem dinheiro vem para a aula. Quem não tem, eu não sei. Afinal, a única diferença sempre foi mesmo o cifrão, e apesar de toda a luta, apesar de muita labuta, apesar de outras coisas muitas, também não fizemos essa lição da distribuição justa dos recursos.**

**Mas agora a escola está fechada. E que fique fechada, porque a vida e a saúde são valor! Pelo menos essa lição precisamos fazer, seja voluntariamente ou não.**

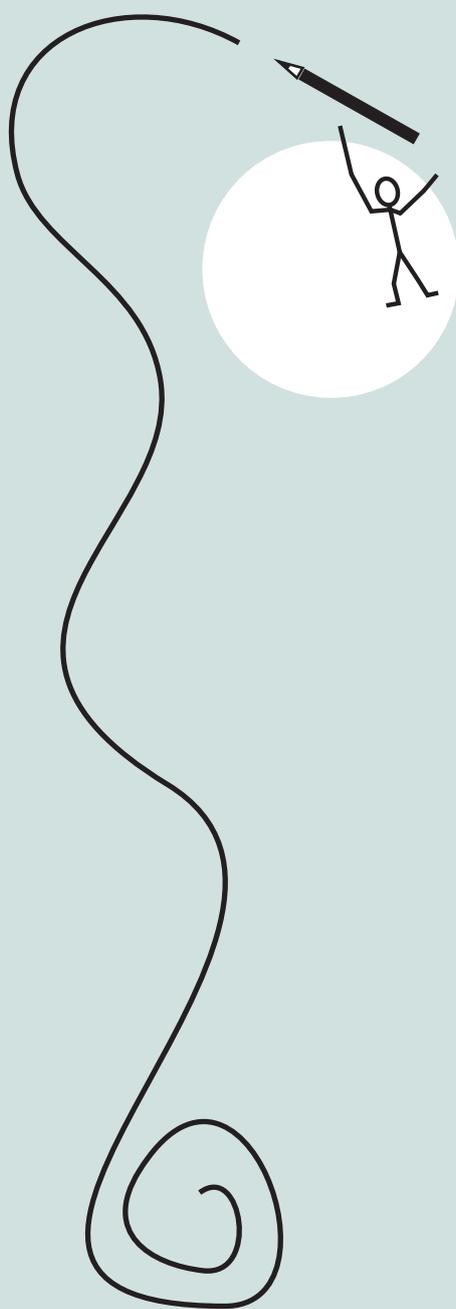
**E, então, quando uma nova chance nos for dada, quando a escola puder novamente abrir seus portões, que se abra também para a transformação. Que ao invés de ensinar, dessa vez, aprenda a fazer de fato as lições que conduzem à formação de personalidades plenas. Que aprenda a fazer a diferença. Que aprenda sobre o desenvolvimento humano e seus processos de humanização. Que aprenda o que de fato importa diante do tempo, do ambiente, da saúde, do ser humano e do conviver.**

**Que a escola e todos nós aprendamos a fazer a lição. A lição do direito humano universal. A lição do amor ao planeta. A lição do respeito ao desenvolvimento da criança. A lição da cooperação e da compreensão recíproca. A lição que a Covid-19 ensinou: a complexidade traduzida na mais simples lição do valor maior da vida.**



**Por enquanto, por favor, digam àqueles que virão:  
desculpem-nos, ainda não fizemos a lição.**

\* Piaget, J., & Braga, I. (1948/1973). Para onde vai a educação?. J. Olympio.





# QUEM SOMOS



## **Andréa Patapoff Dal Coletto**

Pedagoga e doutora em Psicologia Educacional pela Faculdade de Educação da UNICAMP.  
Atualmente é docente do curso de extensão para professores de Educação Infantil da FE/UNICAMP.  
Participou como redatora da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil juntamente com o MEC.  
Conselheira Consultivo da Câmara Temática da Diretoria de Desenvolvimento e Formação dos Profissionais da Educação da ANEBHI - Associação Nacional de Educação Básica Híbrida.



## **Anita Lilian Zuppo Abed**

Psicóloga, Psicopedagoga, Mestre em Psicologia, doutoranda em Saúde e Educação. Consultora da UNESCO sobre habilidades socioemocionais na Educação Básica.  
Docente em cursos de Pós-Graduação em Psicopedagogia.



## **Antonio Carlos Valini Vacilotto**

Jornalista  
Pós-Graduado em Marketing - FGV  
Mestre em Administração/Marketing - Unimep  
Doutor em Educação - Unicamp  
Professor e Coordenador Universitário





## Cesar Nunes

Cesar Nunes é professor titular de Filosofia e Educação na Unicamp. É livre-docente em Educação, autor de 35 livros. Coordenador do Grupo Paidea, presidente nacional da Abrades e diretor do Instituto Nacional de Promoção e Pesquisas em Direitos Humanos.



## Isabel Parolin

Pedagoga, Psicopedagoga clínica e consultora institucional de escolas públicas e privadas em todo o Brasil. Mestre em Psicologia da Educação - PUCSP. Professora em cursos de pós-graduação na área da Aprendizagem. Pesquisadora do grupo GAE-PUC-PR. Consultora da Educação Presente Ltda. Conselheira Nata da Associação Brasileira de Psicopedagogia-Paraná Sul. Palestrante para pais e professores. Autora de vários livros sobre Aprendizagem, destinados à educação familiar e formação de professores.



## Luciana Maria Caetano

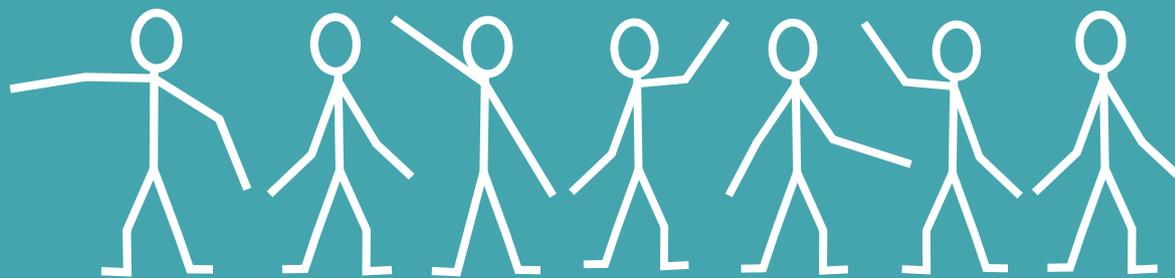
Professora associada do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade (PSA) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Mestre e Doutora pelo Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Especialista em Psicopedagogia e em Educação Infantil. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Salesiano de Americana e em Tecnologia Têxtil pelo Centro Paula Souza (FATEC). Realiza pesquisas em psicologia do desenvolvimento moral, educação moral e desenvolvimento socioemocional. Atua como docente na graduação em Psicologia, Terapia Ocupacional e Fisioterapia, e orienta mestrados e doutorados no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP desde 2013. Atua como vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP. É coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudos em Psicologia do Desenvolvimento Moral (GPDM), membro do LEDA (Laboratório de Estudos do Desenvolvimento e da Aprendizagem), membro da Jean Piaget Society e da Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento.



## Mércia Falcini

Pedagoga, Psicopedagoga com pós-graduação em Teoria e Métodos de Pesquisa pela Unicamp, em Formação de Formadores e especialista em Gestão Educacional. Foi sócia-proprietária da Escola de Educação Infantil Lua Crescente por 13 anos, Diretora da Divisão de Pré-escola Municipal, Vice-presidente eleita do Conselho Municipal de Educação e membro do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente na cidade de Salto. Foi Coordenadora Pedagógica do Colégio Prudente de Moraes e Colégio Terras em Itu-SP, Professora na Universidade de Araras e da Universidade do Norte do Paraná e membro executivo do Fórum Paulista da Infância. Atualmente, é Membro fundadora da Academia Saltense de Letras; Consultora da Fundação Pitágoras; Diretora Pedagógica da Consultoria Saberes, atuando em mais de 100 municípios brasileiros e Líder RenovaBr – aprovada em um rigoroso processo seletivo para representar a renovação política nacional. Palestrante e escritora; é autora dos livros: “Conversas Entrelinhas” e “Conversas na Varanda”, que reúnem uma coletânea de crônicas focadas no desenvolvimento humano e educacional.





**GRATOS PELA LEITURA**

**FIM**